

A Irmandade Muçulmana: Nação sob o cosmo islâmico

RAGDA AHMAD SALAH AL ASSAR*

Esse artigo é parte de minha pesquisa de Mestrado em história social da cultura no departamento da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O mesmo tem como objetivo apresentar algumas reflexões presentes na historiografia sobre o modernismo islâmico e o nacionalismo árabe egípcio buscando relacioná-las com o surgimento do movimento social e político islâmico denominado a Irmandade Muçulmana.

O contato entre o Ocidente e o Mundo Muçulmano foi reforçado pela experiência da conjuntura colonial, surgindo consigo incontáveis estranhamentos e reações de ambas as partes. O Mundo islâmico, nesse contexto de contato culturais, em diversos momentos expressou simultaneamente em relação ao Ocidente um sentimento de admiração e aproximação, contudo, também de repulsa e reação.

As respostas do universo islâmico frente ao colonialismo europeu são diversas e devem ser consideradas de extrema relevância, pois não são apenas uma mera reação ao contato com o Ocidente. Por isso, John Esposito em seu livro: *El desafío Islâmico. ¿Mito o Realidad?*¹ classificou essas respostas em três principais linhas: o rechaço e o distanciamento, em que se considerava o Ocidente como inimigo permanente e no qual se devia rejeitar e afastar qualquer influência. Somente sendo possível lidar com o Ocidente pelo distanciamento e por meio da migração ou do confronto direto.

A segunda linha é a laicização e a ocidentalização, vinda da perspectiva de que o progresso dos países dependia da aprendizagem com a Europa, pois a partir desse modelo poderiam ser capazes de desenvolver um sistema de modernização política, econômica e militarização.

A terceira e a última linha elaborada pelo autor era o modernismo islâmico, em que se admirava o avanço tecnológico e os ideais políticos de liberdade e igualdade, entretanto se criticava a dominação colonialista. Os defensores desse pensamento acreditavam que as Instituições europeias deveriam ser adequadas ao Mundo Muçulmano e conduzidas por valores islâmicos.

*Licenciada e bacharel pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

¹ ESPOSITO, John L. *El desafío Islâmico. ¿Mito o Realidad?*. Acento Editorial. Madrid. 1996 p 69.

O sentimento de afastamento e aproximação ou de repulsa e admiração pode ser visto claramente na defesa do nacionalismo utilizado como um instrumento de independência dos países que compunham o Mundo Islâmico. Nessa conjuntura de confronto se fazia necessário a luta contra a política imperialista e a dominação europeia; todavia esse confronto era baseado em categorias e instituições ocidentais como democracia, governo constitucional, parlamentarismo e direitos individuais, em que os principais líderes dos movimentos nacionais eram indivíduos de educação europeia, porém de formação ou orientação islâmica.

O “modernismo islâmico” contribuiu consideravelmente para a formação do nacionalismo árabe. O Islam era um elemento fundamental, já que as principais metas do modernismo islâmico motivavam e complementavam as aspirações básicas nacionalistas, que eram a manutenção e preservação da identidade muçulmana e o remodelamento da comunidade muçulmana existente, frente à ameaça de assimilação política cultural europeia, a partir de uma releitura da tradição islâmica².

Torna-se importante falar sobre o caráter predominante secular do nacionalismo árabe, com aspirações muito mais relacionadas a questões de língua, identidade e autonomia política durante os últimos anos dos séculos XIX e XX, do que religião ou a formação de uma comunidade muçulmana por meio do retorno a tradição islâmica. Embora houvesse uma identificação entre os dois movimentos de resistência ao colonialismo europeu em relação ao mundo “árabe islâmico”.

O modernismo islâmico aliado ao nacionalismo árabe e egípcio não foram ferramentas eficazes na libertação dos países árabes e muçulmanos da dominação europeia após a Primeira Guerra Mundial. Nessa conjuntura o Império Otomano sofreu desagregação dos seus territórios; e no Tratado de Sévres (1920), o Império Otomano cedeu grande parte de seus domínios para as potências europeias: Inglaterra e França. As quais implantaram o seu sistema de mandatos, que lhes davam o controle sobre países árabes como Egito, Iêmen, Palestina e Transjordânia para os ingleses e Síria e Líbano para os franceses.

Em frente a um sentimento de fracasso ou de insatisfação consigo próprio e com o mundo ao seu redor em relação a proteção e preservação dos países contra o domínio político, econômico e a assimilação cultural ocidental começaram a surgir organizações políticas das diversas camadas da população com o desejo de mudança e de defender a autossuficiência islâmica contra secularização e ocidentalização cultural; as quais causavam seus efeitos em

² Essa ideia de releitura da tradição islâmica será vista e aprofundada na conclusão desse artigo.

quase todas as partes do mundo árabe. Dentro dessas organizações podemos citar a Irmandade Muçulmana ou Irmãos Muçulmanos surgida no Egito e no período que este se encontrava sobre o repressivo comando inglês; e a qual se caracterizou a princípio por ser um movimento

social e mais tarde político em resposta à secularização e ocidentalização cultural do Mundo Muçulmano.

Para se compreender a singular trajetória e a ideologia proposta pelos Irmãos Muçulmanos, a revivência do Islam principalmente no Mundo muçulmano, por meio da reconstrução de uma nação fundamentada em valores islâmicos (*Ummah Muslimah* – Nação islâmica) e conseqüentemente a consolidação de um Estado islâmico; buscou-se analisar os pensamentos políticos e sociais de dois intelectuais, adeptos da Irmandade Muçulmana: Hassan al Banna e Sayyid Qutb. Pois estes são necessários para se entender o momento chave de mudança de estratégia de ação desse movimento islâmico, deslocando-se do âmbito apenas social para o político e de militância islâmica.

Hassan al Banna nasceu na pequena cidade egípcia de Mahmudiya em 1906. Este teve uma educação baseada em princípios islâmicos, focando seus estudos no *Tauhid* – teologia; na *Shaaria* – jurisprudência; literatura árabe; e moderna ideologia islâmica. Vivenciou um Egito completamente dominado pelo imperialismo inglês, numa conjuntura em que o Mundo Muçulmano encontrava-se asfixiado pela secularização e ocidentalização derivadas de uma influência estrangeira e onde as potências europeias, França e Inglaterra, partilhavam os países árabes em esferas de influência de acordo com seus interesses, principalmente após a abolição do Califado³ na Turquia em 1924.

Nesse cenário al Banna funda a Irmandade Muçulmana em 1928, a qual era composta por artesões, trabalhadores, estudantes e pequenos comerciantes. Estes juntamente com seu líder eram capazes de diagnosticar um enfraquecimento de sua sociedade asfixiada pela dependência e influência cultural em relação ao Ocidente; e de transformar um sentimento nacionalista anticolonial em uma ideia de restauração da comunidade muçulmana, a partir de um resgate dos valores islâmicos. Isto representava elaborar caminhos alternativos para organização e modernização da sociedade egípcia, aos quais deveriam ser conduzidas pelo Islam, revitalizando socialmente e politicamente o Egito e o Mundo Muçulmano.

Portanto é possível dizer que houve uma recuperação do conceito de nação, nesse caso, de *Umma Muslimah* – Nação islâmica, esta genericamente significa uma única nação muçulmana sem distinções de etnias ou classes; um Estado centralizado e intervencionista que fosse capaz de garantir o cumprimento dos princípios islâmicos; um indivíduo socialmente comprometido; uma justiça social fundamentada numa fiscalidade progressiva. Pois a

³ Palavra em língua árabe referente ao governo fundamentado em princípios islâmicos, em que o seu líder é denominado de Califa, o sucessor do profeta Muhammad (Que as bênçãos e paz estejam sobre ele). O Califado iniciou-se no ano 634 d.c, logo após a morte do profeta (Que as bênçãos e paz estejam sobre ele). Os primeiros califas foram Abu Baker, Omar, Othmen e Ali.

restauração do Califado não ocorre por uma lógica instrumental de etapas (reislamização do indivíduo muçulmano; da família muçulmana; da sociedade muçulmana; do Estado muçulmano e por último da Nação islâmica). E sim, por uma reislamização que pretendia aperfeiçoar a conduta muçulmana, a qual era baseada na releitura da tradição islâmica, principalmente nos estudos de suas fontes primárias: o *Corão*⁴ e os *Hadiths*⁵. Isto compunha o objetivo fundamental dos Irmãos Muçulmanos, o qual pode ser resumido nas frases dos discursos de Hassan al Banna: “Deus é nosso objetivo, o Corão é nossa Constituição, o Profeta é nosso líder, a luta é o nosso caminho e a morte por Deus é mais alta de nossas aspirações”. (NAZIH AYUBI, 2000: 188).

A Irmandade Muçulmana e al Banna acreditavam que o Islam é um código de vida completo que compreende todos os assuntos da vida humana, possuindo o homem os mais altos níveis de comprometimento para alcançar esse “ideal”. O ponto de partida é a implantação de uma reforma nas esferas social, moral e religiosa que pudesse normatizar noções como responsabilidade pública, mudança jurídica, participação popular e reforma educativa. Pois o que ameaçava os egípcios (e o Mundo Muçulmano), não era a dominação política, mas sim a influência cultural do Ocidente, a qual colocava em risco a identidade e a sobrevivência da comunidade muçulmana.

Logo para eles, era de essencial importância a realização de uma revolução islâmica, entretanto ela essa revolução deveria ser iniciada primeiramente por uma mudança individual (espírito humano), em seguida uma social e por último uma política – um processo de reislamização por etapas, ou seja, o indivíduo muçulmano; a família muçulmana; a sociedade muçulmana, o Estado muçulmano e por último a *Ummah Muslimah* (Nação islâmica). Estas eram condições básicas para se implantar um Estado islâmico que exigia em primeiro lugar uma reislamização consciente da sociedade tão influenciada pela cultura ocidental, restabelecendo o equilíbrio entre o Islam e o Ocidente.

A ideia de equilíbrio entre o Islam e o Ocidente era manifestada no desejo de modernização de seu país (e do Mundo muçulmano) orientado por valores islâmicos, propondo o estabelecimento de organizações e formas institucionais modernas, atuando em serviços sociais e educativos. Os Irmãos Muçulmanos utilizavam-se da tecnologia e dos meios de comunicação modernos para difundir sua ideologia. Acreditava-se na abrangência

⁴ Livro sagrado para os muçulmanos. Composto de 114 suratas (capítulos). Palavra na língua árabe que significa leitura, recitação, lembrança, discernimento e entre outras.

⁵ Dominação dada pelos muçulmanos para o conjunto dos dizeres, da prática, da concordância e descrição do profeta Muhammad (Que as bênçãos e paz de Deus estejam sobre ele).

do Islam em responder os questionamentos contemporâneos ao propor um caminho para modernidade a partir da aplicação dos valores islâmicos no campo privado e coletivo.

Não há dúvidas, que eles lutavam por um Islam “global” e ativista. Necessitando-se primeiramente de uma reforma na sociedade egípcia (e no Mundo Muçulmano) de cunho moral, em que um grupo formado por muçulmanos capacitados que lutariam pelo bem estar da nação muçulmana. Nessa primeira conjuntura, a Irmandade Muçulmana ainda não se identificava com um partido político, embora a política fosse o elemento principal para o processo de reislamização da comunidade muçulmana nos pensamentos desta e de seu líder al Banna: “Não somos um partido político, apesar da política como cimento do Islam, está no coração do nosso pensamento”. (NAZIH AYUBI, 2000: 189).

A política foi uma das preocupações desse movimento, entretanto não reclamavam necessariamente o governo para si, apesar de terem a possibilidade de apoiar a qualquer um que governasse por um “método” islâmico, baseando-se no *Corão* e nos *Hadiths*. Se não poderiam encontrar um chefe de Estado nessas condições:

“Então o governo é um de seus recursos (dos Irmãos), e eles se esforçarão para retirar, a qualquer governo que não cumpra com os mandamentos de Deus. Porém os Irmãos são demasiados sábios e rigorosos para proceder a tarefa do governo enquanto as almas da nação estão nas condições que estão. Se requer um período durante o qual se estendem e se enraízam os princípios dos Irmãos, e assim as pessoas poderão aprender como pôr os interesses públicos em frente dos interesses privados”. (NAZIH AYUBI, 2000: 189).

Desse modo é plausível trabalhar a ideia de que é a partir do interior do homem é possível formar sujeitos capacitados de contribuir pelo bem estar da sociedade, pois nos pensamentos desta organização islâmica, a piedade pessoal e a boa sociedade eram e são condições básicas para se ter um bom Estado. Por isso, a tarefa imediata era reformar as almas e iluminar as mentes, pois o governo seguiria no seu devido tempo. Isto poderia significar um sistema de partido único que após de completar o processo de independência em relação a secularização e a ocidentalização da nação egípcia (e do Mundo Muçulmano), estabeleceria os princípios de uma reforma moral interna e os quais surgiriam modelos para uma nova unidade ordenada pelos valores islâmicos. É importante ressaltar que posteriores detalhes elaborados por al Banna sugerem uma espécie de sistema corporativista inspirado na ética e numa economia moral.

Os Irmãos Muçulmanos continuaram com suas atividades de propagação de sua mensagem, de uma reislamização da comunidade muçulmana egípcia (e do Mundo Muçulmano), indo além dos limites sociais e morais de reislamização. Conseqüentemente e levando o seu ideário ao campo político e de militância islâmica.

Pode –se dizer que as atividades destes adquiriram um caráter mais político em torno de 1939. Nesse momento tinha mais de 300 organizações que se fundamentavam em suas ideias, tendo força para opor-se aos nacionalistas liberais da Wafd⁶. A Irmandade Muçulmana dedicou-se a construir suas próprias empresas, fábricas, escolas e hospitais, além de se inserir em sindicatos e nas forças armadas, ao ponto de se encontrarem, nos fins dos anos 40, na situação de um estado dentro de estado.

Entretanto o assassinato de seu líder, Hassan al Banna, em 1949, pela polícia secreta egípcia; e a ruptura dos Irmãos muçulmanos com o novo regime revolucionário egípcio após a luta unida desses duas organizações pela independência egípcia e a retirada do rei Faruk, a partir dos anos 50, levou os Irmãos a se transformarem em um movimento político propriamente dito.

Nesse sentido, o segundo intelectual citado, Sayyid Qutb propôs a militância política para se construir uma Nação e um Estado islâmicos. Nascido na província egípcia de Asyut, Qutb foi estudar na capital e depois trabalhou como escritor e periodista; além de ser licenciado em educação por Dar al Ulum, instituição de ensino técnico superior do Cairo; tornou-se um muçulmano praticante quando se encontrava nos 45 anos de idade e também quando ingressou na Irmandade Muçulmana. Essa decisão ocorreu após a sua experiência oriunda de uma viagem de estudos realizada nos Estados Unidos, para estudar seu sistema educativo (1948-1950). Embora antes dessa viagem, Qutb já preocupava-se com o legado islâmico e com os temas da pobreza e injustiça social.

O conhecimento direto da sociedade norte–americana foi essencial para um despertar de seu pensamento que se articulou em torno de uma resistência absoluta das práticas sociais ocidentais e a idealização da fé como elemento fundamental de transformação e desenvolvimento da sociedade. A liberdade exarcebada em relação ao sexo, racismo,

⁶ Wafd, palavra que se refere à delegação e tratava originalmente de uma organização política liderada por Sa'ad Zaghlul (1859-1927), conhecedor de leis islâmicas, que creia em primeiro momento que o Egito deveria tirar proveito da presença inglesa em seu território. Zaghlul mudou de posicionamento após a recusa do governo inglês a proposta do governo egípcio, em 1918, de apresentar a defesa da independência do Egito na Conferência de Versalhes. Em 1919 o partido Wafd foi estabelecido com a proposta de autonomia interna, um governo constitucional, os direitos civis, o controle completo do Egito sobre o Sudão e o Canal de Suez. No decorrer de sua trajetória, o partido se desviou de seu objetivo original e assumiu um posicionamento de moderação em relação a monarquia e a influência inglesa. O Wafd foi dissolvido em 1952 com golpe ou revolução do Oficiais Livres.

individualismo e a competitividade centraram sua crítica a sociedade ocidental, marcas que assombravam o Mundo muçulmano.

Quando Sayyid Qutb ingressou na Irmandade Muçulmana em 1951, a organização ainda comentava sobre o assassinato do seu fundador e líder desde 1928 à 1949, Hassan al Banna. Focada na escolha de um novo guia, as relações prévias de Qutb com as elites políticas e intelectuais lhe servira para realizar a aliança entre os Irmãos Muçulmanos e novo regime dos Oficiais Livres (nacionalismo/socialismo árabe) liderados pelo militar Gamal Abdel Nasser⁷. Essa aliança seria a luta pela independência a qual ativamente a Irmandade apoiou em 1952. Esse contato dos Irmãos com o novo governo egípcio permitiu que escapassem da dissolução de partidos políticos após a Revolução egípcia. Pois foram considerados pelo novo regime como um movimento ou organização de âmbito social e não como um partido político.

Muitos Irmãos Muçulmanos, inclusive seu novo líder do momento, Hasan al Huadaibi, esperavam pela dada “afinidade” das organizações, que os Oficiais Livres permitissem a participação direta da Irmandade Muçulmana no novo governo. Porém quando essa esperança frustrou-se, as relações entre ambas as forças se deterioraram, o que resultou num enfrentamento pelo controle da mobilização popular egípcia, o que levou a maioria dos líderes da Irmandade a prisão em 1954, onde foram presos, torturados e executados pelo regime nasserista.

Não há dúvidas que antes da confrontação entre as duas forças, que a Irmandade Muçulmana apoiou o movimento dos Oficiais Livres e que alguns membros da primeira haviam assumido responsabilidades políticas no governo nasserista. Os adeptos da Irmandade Muçulmana detidos foram liberados em outubro de 1952, diferentemente dos membros de outras organizações políticas populares e sindicais. Parece que alguns líderes da Irmandade haviam esperado que por meio de sua cooperação como novo regime, as forças esquerdistas secularistas e democráticas estariam extintas e desse modo se pavimentaria o caminho para um maior influência e uma possível tomada de poder pelos Irmãos Muçulmanos. No entanto

⁷ Essa organização se apresentava como uma possibilidade alternativa das existentes (capitalismo individualista, ateísmo e teoria das lutas de classes comunistas). Propunha uma sociedade mais justa com o controle estatal dos recursos nacionais e de produção, uma distribuição mais equitativa da riqueza e realização de serviços sociais.

Gamal Abdel Nasser (1918-1970) foi um líder carismático cuja a influência foi para além das fronteiras egípcias, alargou o nacionalismo com o intuito de estabelecer uma liderança no mundo árabe, a partir de uma identidade comum. Defendia a unidade árabe, a oposição ao Ocidente e afirmação árabe frente à dominação ocidental do canal de Suez.

Os nacionalistas árabes e a Irmandade Muçulmana ativos na sociedade egípcia, compartilhavam de projetos comuns como a oposição ao imperialismo/colonialismo, a necessidade de união e solidariedade árabe a libertação da Palestina.

estes perceberam o desinteresse do regime nasserista em estabelecer um governo islâmico, cujas as políticas de educação, moralidade cultural fossem dirigidas por eles. Ao ver dos Irmãos Muçulmanos, Nasser estava apenas se utilizando estrategicamente da popularidade de seu movimento para se afirmar no poder. Pois existia uma diferença fundamental entre a Irmandade Muçulmana e o regime nasserista: a visão sobre o Islam. Para Nasser o Islam era um instrumento de ponderação e arranjo político e já para os Irmãos era o caminho para o desenvolvimento da sociedade em todos os assuntos da vida do homem.

Rapidamente evidenciou-se o enfrentamento entre as ambos os movimentos. Este se iniciou pelo ato de intervir do governo nasserista em uma das conferências pronunciadas pelos Irmãos Muçulmanos na Universidade de Cairo em janeiro de 1954. Estes revidaram participando nas manifestações de massas que forçaram o regime militar e os nasseristas a devolver a Muhammad Naghib (líder visível da revolução egípcia) a presidência umas poucas semanas depois. Alarmado pela capacidade organizativa da Irmandade Muçulmana para mobilizar as massas, Nasser recorreu a propor um trato com Hasan al Hudaibi de modo que os Irmãos poderiam continuar suas atividades e receber a cobertura governamental em troca de apoiar a ala nasserista contra Naghib. Logo após o episódio, Nasser assumiu a “gerência” do governo egípcio.

Os Irmãos Muçulmanos, sem demora, buscaram uma recompensa por seu apoio, pedindo vantagens políticas para o seu movimento no novo regime, mas sem aceitar nenhuma troca em natureza de sua organização ou em composição de sua direção. Este foi aparentemente o ponto em qual cada um dos grupos percebeu de que estava sendo usado estrategicamente pelo seu adversário. Isto resultou no enfrentamento entre as forças em outubro de 1954. O atentado contra a vida de Nasser no bairro de Manchiyya em Alexandria foi atribuído pelo regime nasserista à Irmandade Muçulmana. Esta manteve desde o princípio que este foi uma provocação para liquidar com ela, em que seus membros foram reprimidos e colocados na ilegalidade. O intento de assassinato foi seguido por detenções de dezenas de Irmãos, incluindo Sayyid Qutb, que foram ridicularizados em tribunais do povo, e torturados durante suas detenções. Diversos adeptos da Irmandade foram condenados como foi o caso de Sayyid Qutb, com sua morte os Irmãos Muçulmanos se dividiram internamente, em que muitos evitaram o confronto direto com o governo nasserista, atuando apenas no âmbito social e educacional.

Apesar de perseguição que foram submetidos os detentos da Irmandade Muçulmana, uns líderes formaram grupo de estudo para analisar a natureza do estado nasserista e considerar a melhor forma de enfrentá-lo. Suas ideias naquela época eram uma mistura de

Hassan al Banna, Sayyid Qutb entre outros. Em 1959-1960, a organização começou de novo sua atividade com novo comitê de cinco membros, que se reuniam para discutir a corrupção do governo e a natureza imoral de seu presidente. Nesse momento, eles tomavam como fonte de inspiração os escritos de Qutb, que haviam encontrado o seu caminho, pois a organização sacou-os clandestinamente da prisão, e os quais a formaram os princípios básicos do pensamento da Irmandade Muçulmana a partir de então. Nesse momento as teorias de Qutb sobre a nova *Jahiliya*⁸ que vivia o Mundo muçulmano e a necessidade do *Jihad* para transformá-lo influenciaram diversos movimentos islâmicos desde dos anos de 1960.

Essa segunda conjuntura vivida pela Irmandade Muçulmana, impulsionou o pensamento de Sayyid Qutb, o qual na prisão realizou uma análise de sua sociedade contemporânea, em que impiedade, materialismo, idolatria, tirania eram marcas de uma sociedade a -islâmica, representando uma nova *Jahiliya*, a qual deveria devolver a soberania a quem é de direito, Deus o Único.

A ideologia revolucionária, por outro lado, reelabora o conceito de *Jihad*⁹ que se converte em uma obrigação individual, em que se deve acabar com a soberania popular e os modelos sociais e métodos de governo existentes, por serem considerados a - islâmicos, parte da nova *Jahiliya*¹⁰.

Segundo Qutb o Islam é um chamamento público para libertar o homem tanto da servidão de quem a sua vez são servos, como da servidão de suas paixões –as quais são outra forma de servidão –mediante o chamado da divindade de Deus Único, louvado seja, e o Senhor absoluto sobre os mundos. O Senhor absoluto sobre os mundos implica em uma revolução universal contra a soberania do ser humano em todas as formas, modelos, sistemas e circunstâncias; e a revolta completa contra cada situação, cada lugar da terra em que o poder, seja do tipo que seja, estiver nas mãos do homem atendendo aos seus próprios propósitos. Pois o ser humano compõe a mesma ordem do universo ou da natureza, desse modo submetido a suas leis que são divinas. Quando o homem constitui uma legislação

⁸ Segundo Muhammad Qutb, “o se entende por ignorância é o estado de espírito que não aceita ser encaminhado com as orientações de Deus e o movimento organizacional que se nega a aplicar as diretrizes reveladas por Deus e não aquela ignorância que se opõe à ciência e a à tecnologia” – a ignorância do século XX.

⁹Jihad, atualmente traduzida equivocadamente, principalmente pelos meios de comunicação, como Guerra Santa. Porém no Islam Jihad significa esforço. Este pode ser classificado em dois tipos: esforço Maior e esforço Menor. O esforço Maior é o empenho individual de cada muçulmano para não praticar o ilícito. Logo é um esforço contínuo para corrigir as falhas humanas e aprimorar o caráter por meio de uma conduta correta. O esforço Menor é o empenho de cada muçulmano pela causa de Deus, em que a guerra é uma forma de esforço, caso seja necessário. Pois a guerra não é um objetivo do Islam e nem uma ação comum dos muçulmanos.

¹⁰ Atualmente pretendem reduzir *Jihad* no Islam ao que chamam de “Guerra Santa”, porém este no Islam significa outra coisa que não tem relação alguma com as guerras dos homens de hoje, nem com seus interesses ou motivações. O *Jihad* no Islam está relacionado a própria natureza dessa religião e o seu papel no mundo.

fundamentada em sua vontade e não na divina, termina por se desviar do seu estado natural, entrando em conflito com sua própria natureza e formando uma sociedade, como denominada por Qutb, de ignorante, por não estar cumprindo com a submissão unicamente a Deus, seja em doutrina, forma de culto ou em normas legais.

É possível notar que nessa concepção objetiva, o laço que une os homens no Islam é a fé, manifestada pela conduta devota a Deus, criando um ambiente de confraternidade entre os crentes. Essa confraternidade é mais importante que qualquer nacionalidade ou vínculos familiares do homem: “... o que une o negro ao branco, ao persa, ao etíope, todas as raças da terra em uma só nação”. (SAYYID QUTB, s/d: 163).

O Islam, afirma Qutb, propunha a formação de uma nação, em que os vínculos que une seus membros, apesar de serem naturalmente diferentes é a fé, esta enraizada em seus corações e sendo a viga mestra de ação humana. A ligação entre os muçulmanos é somente estabelecida pela crença, que possibilita aos homens desconsiderar raça, cor, língua, geografia, história e interesses. Ao desconsiderar esses elementos o homem torna-se capaz de constituir a melhor a nação do mundo, através das melhores características do ser humano.

Em suma, Sayyid Qutb em seus pensamentos reunia Ignorância, soberania e *Jihad* em uma visão unitarista de Deus, homem e mundo. E empreendia um chamamento para terminar com as marcas do tempo presente: impiedade, materialismo, idolatria e tirania, a partir do retorno do homem a sua natureza, submissão voluntária a Deus, entrando em harmonia com o mundo. Em outras palavras é a reconstituição das sociedades muçulmanas, a ordem islâmica, e o Estado islâmico, por meio de uma reislamização dos interiores humanos, a qual é uma responsabilidade de cada muçulmano, um compromisso espiritual e material. Nesse sentido, a Irmandade Muçulmana desloca-se de um movimento apenas social, em que a política é uma consequência, para um movimento político propriamente dito, o qual busque a constituição de um vanguarda de militância islâmica que lute pela ordem islâmica e a formação de um Estado Islâmico.

Após essa pequena narração e reflexão sobre o movimento social e mais tarde político denominado a Irmandade Muçulmana ou Irmãos Muçulmanos, abordando a conjuntura de seu surgimento; a sua trajetória político intelectual e a sua ideologia, a formação de um nação fundamentada em valores islâmicos e conseqüentemente a consolidação de um Estado islâmico. Pode-se formular algumas conclusões primárias de um tema ainda a ser muito estudado nos meios acadêmicos.

A primeira é que a Irmandade Muçulmana como movimento islâmico a princípio de âmbito social e mais tarde político, pode surgir de condições sociais que devem ser

cuidadosamente estudadas e compreendidas. Pois não representam um mero “reflexo mecânico” de preocupações sociais e econômicas, mas sim um discurso que ao longo do tempo ganha autonomia intelectual própria. Ou seja, fatores econômicos, sociais e políticos podem estimular o surgimento de movimentos concretos em momentos concretos, porém esses movimentos rapidamente adquirem uma lógica e uma vida própria, tornando-se autossuficientes.

No entanto esses movimentos sempre estarão expressando as necessidades dos membros que os compõem. No caso dos Irmãos Muçulmanos, é a expressão da necessidade de uma revivência dos valores islâmicos no interior das comunidades muçulmanas, as quais se encontravam asfixiadas pela secularização e ocidentalização oriundas do colonialismo europeu. Nesse sentido, o Islam é visto como uma alternativa para fundamentar um projeto de nação diferente dos “modelos” ocidentais, que sob a perspectiva dos Irmãos, esses modelos não são suficientes para suprir as necessidades materiais e espirituais das sociedades islâmicas.

Também é importante lembrar que a Irmandade Muçulmana influenciou o surgimento de movimentos político sociais de cunho radical em um período futuro, principalmente as obras de Sayyid Qutb. Todavia estes viveram uma conjuntura diferente da vivenciada pelos Irmãos Muçulmanos, os quais estavam respondendo as necessidades de sua sociedade num período específico. Portanto se pode dizer cada movimento vive e responde as necessidades de sua época, e nesse estudo optou-se por abordar uma linha teórica desse movimento islâmico a partir da experiência vivida nos anos 50 do século XX.

A segunda é que *Umma Muslimah* –Nação islâmica possui características que a difere do conceito de nação conforme o pensamento mais comum do “Ocidente”. Pois, diferentemente da trajetória intelectual do Ocidente, no Islam não há essa ruptura entre Estado e religião, estes caminham juntos, porque o Islam não é apenas uma religião de adoração ou culto individual à Deus, mas sim um código ou filosofia de vida completo, o qual abarca todas as necessidades do homem, desde espirituais à matérias. Dessa forma, o Islam é composto por adoração à Deus; um sistema político, econômico, social e jurídico; e por um modelo de comportamento ou etiqueta islâmica que o muçulmano deve seguir independentemente do local ou tempo em que se encontra.

A terceira e última conclusão é que o Islam enquanto princípio básico de projeto de nação proposta pela Irmandade Muçulmana foi construído não apenas por mostrar-se em oposição ao colonialismo europeu, e mais tarde, ao modelo secular de nação egípcia, nacionalismo/socialismo árabe de Gamal Abdel Nasser. Mas também por sustentar um modo

de relacionar a “tradição religiosa” do mundo islâmico com sua própria forma de conceber a modernidade. Para melhor compreender essa relação tradição – modernidade no campo cultural islâmico, torna-se necessário abandonar a perspectiva teórica que considera a tradição e a modernidade como elementos opostos e concorrentes no interior de uma dada cultura. De acordo com Mohammed Abed al Jabri¹¹, o pensamento islâmico é dotado de uma dinâmica interna que não se expressa a partir de uma ruptura radical com o antigo, porém sobrevive por meio das releituras desse passado. Dessa forma, a modernidade deve ser definida pelo seu contato com o passado, construindo métodos e olhares “modernos” da tradição islâmica. Pois al Jabri enfatiza o caráter “historicizável” do conceito modernidade, que sofre diferenças de significados a partir da experiência histórica a qual se encontra submetida. Ou seja, não há apenas uma modernidade mas diversas modernidades, cada qual conforme a experiência histórica vivida.

Nesse sentido a ideologia proposta pela Irmandade Muçulmana, formação de uma Nação islâmica e conseqüentemente a consolidação de um Estado islâmico, pode ser lida como uma expressão de um pensamento social e mais tarde político marcado por uma relação própria de aproximação entre tradição islâmica e modernidade. Em que a rebeldia contra a interpretação que deposita sobre o pensamento islâmico o estigma de repúdio aos princípios modernos, permite compreender que os Irmãos Muçulmanos podem desenvolver um projeto de nação fundamentado numa leitura específica da tradição cultural islâmica; que ao invés de confrontar-se com a modernidade, apenas mantinha um modo distinto de imaginá-la. Que o passado comum à comunidade islâmica serviu e serve de instrumento discursivo para caracterizar seu projeto de nação alternativo à realidade política e social da época. Logo a história islâmica transforma-se em referência a ser reinterpretada e aplicada na contemporaneidade, de acordo com as necessidades humanas contemporâneas de cada época, por seu caráter flexível.

Referência bibliográfica:

- AL-JABRI, Mohammad Abed. *Introdução à crítica da razão árabe*. São Paulo. Editora: UNESP. 1999.
- ANNADUY, Abul Hassan. *O Islam e o mundo*. São Paulo: Centro de divulgação do Islam para a América Latina.. s/d.

¹¹ Professor da Universidade de Rabat e militante da esquerda marroquina. Al – Jabri é uma das principais figuras da filosofia árabe contemporânea.

- AYUBI, Nazih. *EL Islam político. Teorías, tradición y rupturas*. Ana Herrera (trad). Barcelona: Biblioteca del islam Contemporáneo/Ediciones Bellaterra. 2000.
- ESPOSITO, John L. *El desafío islâmico*. Madrid:Acento Editorial, 1996.
- FARUQI, Isma'íl Raji. *At Tauhid (o monoteísmo) – suas implicações para o pensamento e vida*. International Islamic Federation of Student Organizations. s/d.
- GARCIA, Luz Gómez. *Diccionario del Islam y islamismo*. Madrid: Espasa Calpe, S.A. 2009.
- HOURANI, Albert.. *O pensamento árabe na era liberal (1798-1939)*. São Paulo. Companhia das Letras. 2005.
- ISBELLE, Munzer Armed. A explicação das Vinte bases formuladas pelo Iman e Mártir Hassan al Banna. Mimio.
- ISBELLE, Munzer Armed. *A Revelação e a Ciência*. Rio de Janeiro: Qualitymark. 2010.
- ISBELLE, Munzer Armed. A explicação das Vinte bases formuladas pelo Iman e Mártir Hassan al Banna. Mimio.
- ISBELLE, Sami Armed. *O Estado Islâmico e sua Organização*. Rio de Janeiro. Editora AZAAN. 2008.
- MEIHY, Murilo Sebe Bon. *Por devoção à República: Nação e Revolução no Irã entre 1978 e 1988*. Dissertação de Mestrado – Puc-rio. Rio de Janeiro. 2007.
- PRADO, Abdennur. *EL lenguaje política del Corán – Democracia, pluralismo y justicia social en el Islam*. Madrid: Edotorial Popular. 2010.
- QUTB, Sayyid – *O Islã: A religião do Futuro*. Movimento da Juventude Islâmica. s/d,
- QUTB, Sayyid – *Normas no caminho do Islã*. International Islamic Federation of Student Organizations. s/d.
- SAID, Edward. *Orientalismo - o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo. Companhia das Letras. 1995.
- SILVA, Cristiane Nascimento. “*O tempo do Domínio do Homem Ocidental chegou ao fim*”: *Nação e Civilização em Sayyid Qutb*. Monografia – Puc-rio. Rio de Janeiro. 2006.

Referência de web sites:

<http://www.youngmuslims.ca/biographies/display.asp?ID=7> – 20/05/2010 – 15:30.

<http://www.islambasics.com> – 20/05/2010 – 16:00.